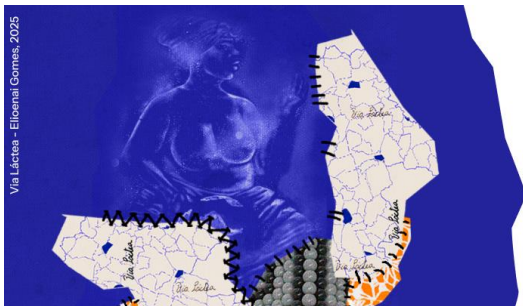




ENTRE O INVISÍVEL E O SENSÍVEL: PRÁTICAS ARTÍSTICAS E PROCESSOS DE REEXISTÊNCIA NA RUA

Between the Invisible and the Sensible: Artistic Practices and Processes of Re-Existence in Urban Spaces

Clarice Steinmüller¹

(UFMG)

Rosvita Kolb Bernardes²

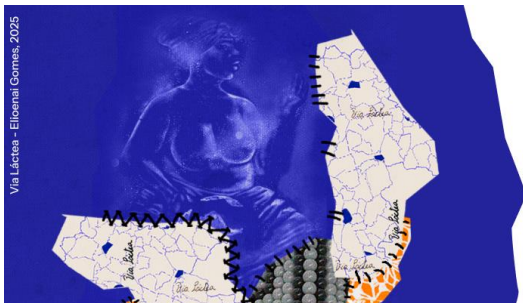
(UFMG)

Resumo: O trabalho analisa criticamente de que maneira práticas artísticas colaborativas e performativas podem contribuir para processos de resistência, inclusão social e reexistência de pessoas em situação de vulnerabilidade social e de rua em Belo Horizonte. O objetivo é compreender como a arte e educação, ao articular linguagens artísticas e processos formativos, podem funcionar como espaço de escuta, expressão e cidadania em territórios marcados pela precariedade. A investigação ancora-se na autoetnografia, que reconhece a pesquisadora como sujeito implicado no campo, e mobiliza pesquisa documental, arquivos institucionais e acervos pessoais compostos por fotografias, vídeos e diários de campo. Esses materiais não são tratados como ilustrações, mas como dispositivos de pensamento que produzem reflexões sobre precariedade, direito à cidade e modos de habitar o urbano. Os resultados parciais indicam que a arte, ao ser praticada de forma colaborativa e performativa, instaura experiências sensíveis capazes de transformar relações sociais, ampliar visibilidades e afirmar a arte como direito. Conclui-se que tais práticas fortalecem pedagogias críticas e instauram processos de reexistência que disputam sentidos na cidade e afirmam novos modos de vida.

Palavras-chave: arte; educação; autoetnografia; performatividade; reexistência.

¹ Artista, professora e pesquisadora. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGArtes–EBA/UFMG), na linha de pesquisa Ensino e Aprendizagem em Artes Visuais. Tem experiência em práticas artísticas e educativas em contextos de vulnerabilidade social, com atuação em políticas públicas de saúde e assistência social. Bolsista CAPES. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3346566913997535> ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7740-0060> E-mail: claricesj@ufmg.br

² Professora da Escola de Belas Artes da UFMG. Doutora em Educação pela UNICAMP (2011), Mestre em Educação pela PUC-SP (1991) e licenciada em Desenho e Plástica pelo Centro Universitário Feevale (1979). Atuou como professora da Escola Guignard/UEMG (2006–2016) e em diversas instituições de ensino. Tem experiência em arte e educação, com ênfase em formação de professores, educação estética, narrativas de formação e abordagem autobiográfica. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3599603278609656> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9090-4633> E-mail: rosvitakolb@gmail.com



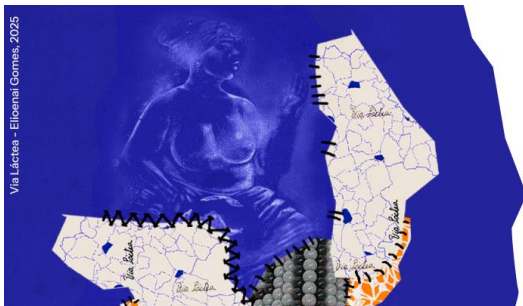
Abstract: The research critically analyzes how collaborative and performative artistic practices can contribute to processes of resistance, social inclusion, and re-existence of people living in situations of social vulnerability and homelessness in Belo Horizonte. The objective is to understand how art and education, by articulating artistic languages and formative processes, can function as a space of listening, expression, and citizenship in territories marked by precariousness. The investigation is grounded in autoethnography, which recognizes the researcher as an implicated subject in the field, and it mobilizes documentary research, institutional archives, and personal collections composed of photographs, videos, and field diaries. These materials are not treated as illustrations but as devices of thought that generate reflections on precariousness, the right to the city, and ways of inhabiting the urban space. Partial results indicate that art, when practiced collaboratively and performatively, establishes sensitive experiences capable of transforming social relations, expanding visibility, and affirming art as a right. It is concluded that such practices strengthen critical pedagogies and establish processes of re-existence that dispute meanings in the city and affirm new ways of life.

Keywords: art and education; autoethnography; precariousness; performativity; re-existence.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho situa-se no campo da arte e educação, entendida como espaço de diálogo entre linguagens artísticas e processos formativos, e tem como foco as práticas colaborativas e performativas, realizadas em contextos de vulnerabilidade social. As práticas colaborativas em arte e educação compreendem processos artísticos que se constroem na relação direta com os sujeitos envolvidos, rompendo com a lógica do artista ou educador como emissor único. São propostas que valorizam o diálogo, a escuta e a coautoria, favorecendo experiências coletivas e horizontais. Oficinas abertas, criações compartilhadas, rodas de conversa e ateliês participativos são exemplos de estratégias que fortalecem vínculos, estimulam o protagonismo e produzem saberes em conjunto, deslocando a noção de autoria individual para práticas de partilha e convivência (FREIRE, 1996; BOURRIAUD, 2009).

Já as práticas performativas dizem respeito ao corpo em ação no espaço, ativando tanto o cotidiano quanto as relações sociais. A performance, nesse contexto, não é apenas uma linguagem artística, mas um modo de agir no mundo, de afirmar existências e intervir politicamente através de gestos, presenças, palavras

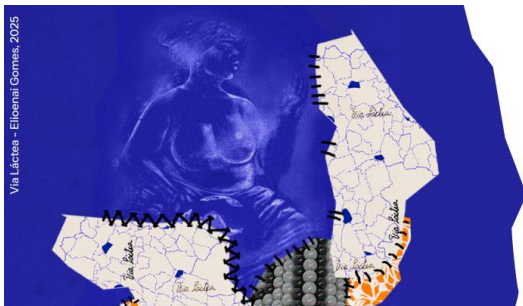


e deslocamentos simbólicos. Dialogam com a concepção de Butler (1997) sobre a performatividade, entendida como ato que produz realidades. Em contextos de vulnerabilidade, tais práticas criam situações em que os corpos se tornam visíveis, instaurando experiências sensíveis que afirmam o direito à cidade e a reexistência.

Em um cenário de crescentes desigualdades, as pessoas em situação de rua constituem um dos grupos mais afetados pela exclusão social, cultural e política. Nesse contexto, a arte e educação emerge como dispositivo capaz de instaurar espaços de escuta, expressão e cidadania, disputando os sentidos de quem pode produzir cultura, aprender e existir de forma plena na cidade. Como afirma Paulo Freire, “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes” (FREIRE, 1996, p. 68), e é nesse encontro de saberes que a prática artística se torna pedagógica e emancipatória.

O estudo delimita-se à análise de práticas artísticas e pedagógicas experimentais desenvolvidas junto a populações em situação de vulnerabilidade social e de rua em Belo Horizonte, entre as quais se destaca o projeto *Invisível – Ateliê de Arte, Cultura e Cidadania* (2019–2024), realizado no âmbito do Serviço Especializado em Abordagem Social, do Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS Noroeste), e do Consultório na Rua, estratégia que visa ampliar o acesso da população em situação de rua aos serviços de saúde. As atividades envolveram encontros semanais, oficinas, rodas de conversa, exposições e circulação por espaços culturais da cidade e região metropolitana.

O objetivo central desse trabalho é analisar de que maneira práticas artísticas colaborativas e performativas podem contribuir para processos de resistência, inclusão social e reexistência de sujeitos em situação de vulnerabilidade. Ao pensar tais práticas como experiências sensíveis e transformadoras, a investigação aproxima-se das reflexões de Jacques Rancière (2005), para quem a política da arte reside em sua capacidade de redistribuir o sensível, isto é, tornar visível e audível aquilo que estava invisível e silenciado. Nicolas Bourriaud (2009) complementa essa visão ao propor a “estética relacional”, em que a obra de arte se realiza no encontro, no vínculo e na co-presença entre sujeitos.

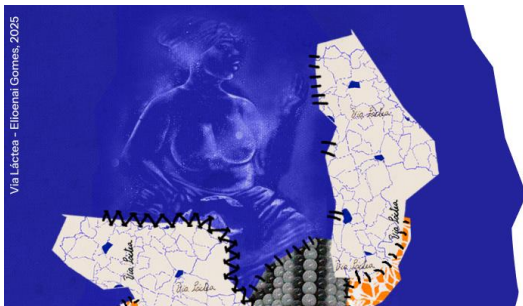


Metodologicamente, o modo de pensar essa intervenção ancora-se na autoetnografia, compreendida como abordagem que conecta a experiência pessoal do pesquisador às dimensões culturais, sociais e políticas do contexto investigado (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011). Reconhece-se, assim, a pesquisadora como sujeito implicado no campo, assumindo que sua trajetória, afetos e práticas não estão à margem, mas constituem parte fundamental da reflexão. Nesse sentido, o método mobiliza pesquisa documental, arquivos institucionais e um acervo pessoal constituído por fotografias, vídeos e diários de campo produzidos ao longo de 17 anos de atuação em projetos de arte e educação. Esses materiais não são tratados como ilustrações, mas como dispositivos de pensamento que permitem refletir sobre precariedade, direito à cidade e modos de habitar o urbano.

Figura 1 – Homem cozinhando ao lado de sua maloca no baixio do Viaduto Nansen Araújo - Complexo da Lagoinha.



Fonte: A autora



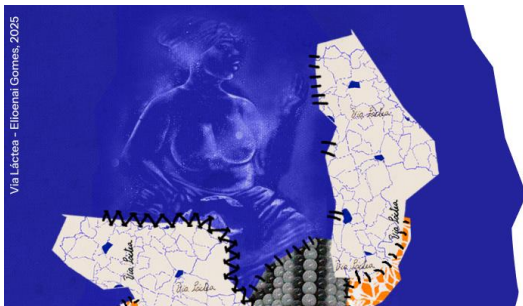
2. ARTE, EDUCAÇÃO E VULNERABILIDADE SOCIAL

Minha trajetória como artista-professora-pesquisadora iniciou-se ainda na graduação em Artes Plásticas (2007–2014), quando, em 2009, ingressei como estagiária no projeto Arte e Socioeducação, uma parceria entre a Subsecretaria de Atendimento às Medidas Socioeducativas (SUASE) e a Escola Guignard. O projeto oferecia oficinas artísticas para adolescentes em acautelamento provisório e constituiu o ponto de partida para o aprofundamento da minha atuação em contextos de educação não formal e vulnerabilidade social.

Nesse momento, deparei-me pela primeira vez com questões que me acompanharam ao longo de toda a trajetória e que nunca tiveram respostas prontas, mas que foram sendo construídas no caso a caso do cotidiano de trabalho. Perguntava-me: como é possível falar de arte em um espaço de encarceramento, se para mim a arte sempre foi sinônimo de liberdade e subversão? Como propor subversão em um espaço marcado pela disciplina? Como fazer arte em uma realidade atravessada por tantas violências?

Mais tarde, no trabalho nas ruas – realidade completamente distinta, mas igualmente marcada por violências – novas perguntas emergiram: como propor arte em um lugar de tamanha precariedade, onde as pessoas lutam diariamente pela sobrevivência? Ainda não possuo todas as respostas, mas ao longo do caminho tive muitos encontros que me ofereceram lampejos de compreensão e me guiaram rumo a uma metodologia sensível, experimental e multidisciplinar.

Diante de tantas dúvidas e também possibilidades, busquei na pesquisa autores que me ajudam a iluminar essas indagações. O primeiro deles é Paulo Freire (1996), que sustenta que “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes” (p. 68). É justamente nesse encontro de saberes que as práticas de arte e educação emergem como experiências emancipatórias. Em consonância, Adolfo Achinte (2013) propõe as práticas de reexistência, nas quais a arte atua como estratégia de sobrevivência e de produção de novos sentidos para a vida em contextos de precariedade.



2.1 ESTÉTICA DA PRECARIEDADE, POLÍTICAS PÚBLICAS E POÉTICAS DO COTIDIANO

Entre 2019 e 2024, concentrei minha atuação como artista e educadora no Serviço Especializado em Abordagem Social (SEAS/SUAS-BH) e no Consultório na Rua Leste (SUS-BH). Esses serviços atuam em territórios marcados por exclusão e violência, como o Complexo da Lagoinha, buscando garantir direitos básicos, acesso à rede pública e acompanhamento social.

Mais uma vez, deparei-me com inúmeras dúvidas que me acompanham até hoje. Como propor arte em um lugar tão atravessado pela precariedade, onde as pessoas lutam cotidianamente pela sobrevivência? Como ensinar arte na rua, debaixo de viadutos, nas intersecções de avenidas, nas sarjetas?

Judith Butler (2009) afirma que “a precariedade designa uma condição socialmente induzida, marcada pela exposição desigual à violência e à vulnerabilidade” (p. 36). Essa definição ressoa na experiência cotidiana junto à população em situação de rua, em que a vulnerabilidade estrutural convive com práticas inventivas de sobrevivência.

Tal como em outras experiências anteriores, adotei como ponto de partida a observação atenta, a escuta e o registro: fotografando, filmando e escrevendo. Desde o início percebi que compreender as dinâmicas do território e a forma como aquelas pessoas se organizavam era fundamental. Também foi essencial me apoiar nas diretrizes das políticas públicas da saúde e da assistência social em que atuava, para pensar como construir uma atuação de artista/educadora nesses espaços.

Meu olhar de artista foi constantemente atravessado pelo contraste entre a dureza da rua e a capacidade de engenhosidade das pessoas para sobreviver. Essa engenhosidade se manifestava tanto no plano material quanto no emocional. A rua me apresentou múltiplas dimensões de sobrevivência: da extrema violência até os laços mais profundos de solidariedade.

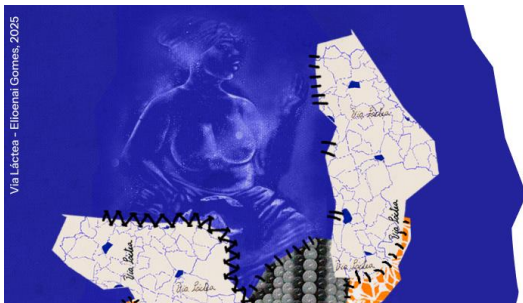


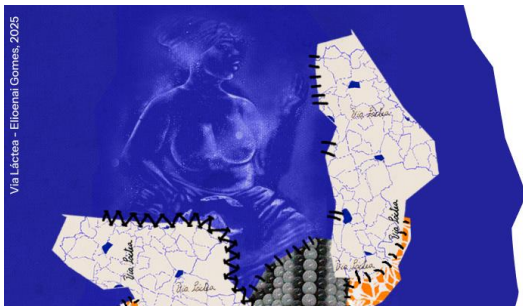
Figura 2 – Desenho da artista Flávia Carla dos Reis



Fonte: A autora

Nesse ponto, Michel de Certeau (1990) ajuda a compreender tais práticas ao afirmar que os sujeitos produzem táticas do cotidiano, pequenos gestos criativos que transformam a cidade em lugar habitável: “as práticas do cotidiano inventam modos de usar os espaços instituídos, transformando-os em lugares vividos” (CERTEAU, 1990, p. 41). Essas táticas – cozinhar no improvisado, construir abrigos precários, criar rotas de circulação, narrar histórias ou grafitar muros – constituem verdadeiras poéticas do cotidiano.

Uma das percepções mais potentes dessa experiência foi a de que compreender o território é imprescindível para construir propostas de atuação junto àquela comunidade. A ideia de invisibilidade, já tão presente em minha trajetória, ganhou nova dimensão quando percebi que aquelas pessoas permaneciam invisíveis para a sociedade enquanto sujeitos, mas, ao se organizarem em grupos, tornavam-se visíveis porque estampavam os dilemas próprios da



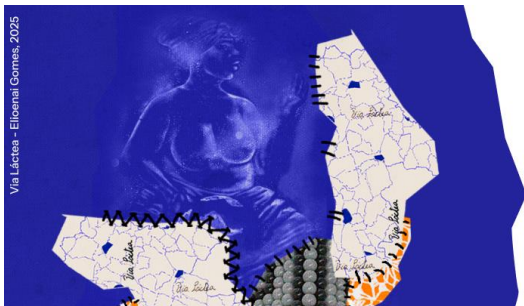
contemporaneidade. A maioria das vezes, essa organização se dá em malocas instaladas sob os viadutos.

Milton Santos (1997) nos lembra que o espaço urbano é “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (p. 63). É justamente nessa contradição que a arte, quando inserida em políticas públicas, pode alinhar-se às táticas cotidianas e potencializar processos de invenção e resistência.

Além da inserção em políticas públicas, desde 2012 integro o Grupo Indigestão, coletivo formado por cinco artistas que realiza performances e happenings no espaço urbano, tensionando fronteiras entre alta e baixa cultura. Muitas vezes, utilizei no território estratégias semelhantes às que o grupo desenvolve em suas proposições: criar uma ação ou situação que provocasse estranhamento e despertasse curiosidade. Essas práticas revelaram-se potentes para convocar as pessoas ao debate, ao imaginário, à fala. Em muitas situações, percebi que a própria presença da população em situação de rua já carregava uma dimensão performática – seus corpos, modos de ocupar o espaço e formas de se organizar configuram práticas de resistência e performatividade.

Tais práticas se aproximam da noção de estética relacional de Nicolas Bourriaud (2009), para quem a arte se realiza na interação entre sujeitos, e dialogam com a concepção de Jacques Rancière (2005, p.23), segundo a qual “a política da arte consiste na reconfiguração da partilha do sensível, do visível e do dizível”.

A performatividade é compreendida, na chave de Butler (1997), como processo reiterativo que produz efeitos de realidade: não apenas representação, mas ação transformadora. Assim, tanto no Grupo Indigestão quanto nas práticas com populações em vulnerabilidade, a arte colaborativa e performativa opera como dispositivo de crítica e de produção de sentidos, ampliando a experiência estética para além dos espaços institucionalizados da arte.



2.2 O ATELIÊ INVISÍVEL E A REINVENÇÃO COTIDIANA

No território da Lagoinha, o *Ateliê Invisível – Ateliê de Arte, Cultura e Cidadania* (2019–2024) constituiu-se como espaço metodológico experimental, estético e político junto à população em situação de rua. Suas práticas colaborativas envolveram artistas convidados, oficinas, festivais e exposições, transformando o território em ateliê a céu aberto.

Nele a trajetória de Flávia Carla dos Reis (Lindinha) ilustra com profundidade a força do *Ateliê Invisível – Ateliê de Arte, Cultura e Cidadania* como dispositivo de reexistência. Artista autodidata, sua produção gráfica e textual — desenvolvida em cadernos nas ruas da Pedreira Prado Lopes — encontrou visibilidade e encarnação simbólica no espaço institucional a partir da primeira exposição individual, intitulada “*O tempo que eu estou fazendo o presente, eu já estou no futuro e já estive aqui no passado*”, organizada a partir das oficinas realizadas no Ateliê Invisível numa parceria entre SEAS Noroeste e Consultório na Rua Noroeste.

A partir disso, seu trabalho reverberou em uma exposição subsequente ainda mais significativa: “*Aragem em mãos que ardem: Carolina*” aberta em abril de 2024 na Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais, com curadoria de Flaviana Lasan. A mostra dialoga com a antologia poética de Carolina Maria de Jesus e apresenta a produção multilinguagem de Flávia Carla junto às de Ana Pá, ambas artistas que viveram em situação de rua e traduzem em suas obras narrativas cotidianas, território urbano e memória emocional — ampliando a reflexão sobre autenticação cultural, precariedade e espaço periférico como território de arte e resistência.

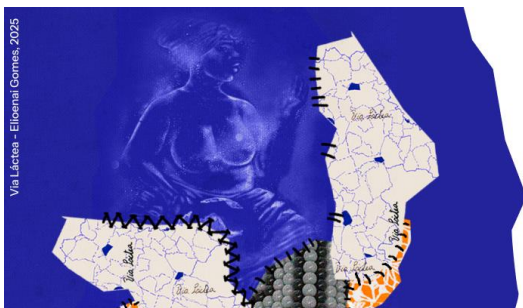


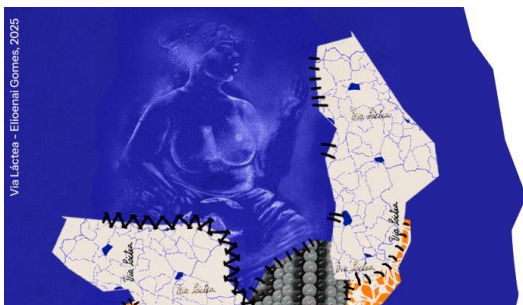
Figura 3 – Vista da exposição: “O tempo que eu estou fazendo o presente, eu já estou no futuro e já estive aqui no passado” (Galeria da Regional Noroeste, 2023)



Fonte: A autora

Este percurso – da exposição no ateliê à mostra curada em âmbito institucional – materializa a potencialidade da arte como ato de reexistência, uma pedagogia estética em que sujeitos invisibilizados passam de objeto de reconhecimento a autores de suas próprias visibilidades e memórias. Esse processo confirma a concepção de Achinte (2013, p. 27) sobre reexistência e a de Rancière (2005, p. 45), para quem “a redistribuição do sensível só é possível quando os excluídos tornam-se visíveis não como objetos da política, mas como sujeitos da estética”. A produção de Lindinha pode ser lida também a partir de Certeau (1990, p. 41), como exemplo das poéticas do cotidiano, em que a escrita e o desenho transformam a rua em território simbólico de invenção de si.

O percurso de Lindinha – da rua à galeria – revela a força da arte como dispositivo de reexistência, capaz de legitimar sujeitos marginalizados como produtores de cultura e interlocutores políticos. Assim, o Ateliê Invisível não apenas promoveu inclusão, mas instaurou uma pedagogia crítica, ética e estética, onde a



vida cotidiana se torna matéria-prima para novos modos de habitar e narrar a cidade.

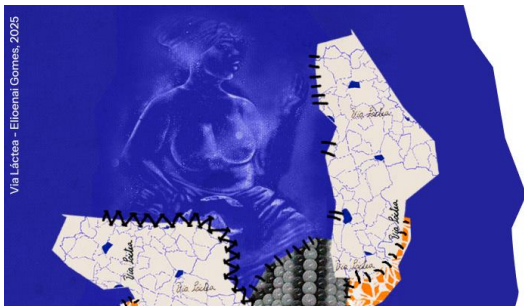
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas ao longo deste artigo permitem reafirmar que as práticas de arte e educação colaborativas e performativas, quando inseridas em contextos de vulnerabilidade social, possuem um papel central na construção de espaços de resistência e de reexistência. O objetivo inicial foi analisar de que maneira tais práticas podem contribuir para processos de inclusão social e de afirmação do direito à cidade, especialmente em relação à população em situação de rua em Belo Horizonte.

A investigação, ancorada na autoetnografia e sustentada por pesquisa documental, arquivos institucionais e acervos pessoais de registros fotográficos, audiovisuais e memoriais, evidenciou que a arte, quando vivenciada no território e a partir do cotidiano, se constitui como dispositivo de transformação social. Ao articular teoria e prática, foi possível compreender que a precariedade, longe de significar ausência ou vazio, revela-se como estética da sobrevivência e campo fértil para invenção de novos modos de vida.

A atuação nos projetos “Nordeste em Movimento”, “Rua Circular” e, sobretudo, no “*Ateliê Invisível – Ateliê de Arte, Cultura e Cidadania*”, demonstrou que a arte pode instaurar pedagogias críticas capazes de ampliar visibilidades, fomentar vínculos e consolidar processos de reconhecimento simbólico. Nesse percurso, conceitos como a partilha do sensível (Rancière, 2005), a estética relacional (Bourriaud, 2009), as práticas de reexistência (Achinte, 2013), a precariedade (Butler, 2009) e as poéticas do cotidiano (Certeau, 1990) dialogam diretamente com as experiências vividas, fortalecendo o caráter transdisciplinar da intervenção.

Conclui-se que práticas artísticas desenvolvidas junto a populações em situação de vulnerabilidade não se restringem a ações de caráter assistencialista, mas operam como formas de resistência política, de produção de subjetividade e de



reconfiguração das relações entre arte, cidade e cidadania. Ao inserir-se no território, a arte torna-se experiência compartilhada e pedagógica, abrindo caminhos para novas formas de habitar e narrar o espaço urbano.

4. REFERÊNCIAS

ACHINTE, Adolfo Albán. **Prácticas de re-existencia: los caminos del arte y la cultura en América Latina**. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2013. 236 p.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS. **Aragem em mãos que ardem: Carolina**. Belo Horizonte, 2024. Disponível em: <https://www.bibliotecapublica.mg.gov.br/programacao-cultural/aragem-em-maos-que-ardem-carolina/>. Acesso em: 8 set. 2025.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009. 163 p.

BUTLER, Judith. **Excitable speech: a politics of the performative**. New York: Routledge, 1997. 202 p.

BUTLER, Judith. **Vida precária: el poder del duelo y la violencia**. Buenos Aires: Paidós, 2009. 168 p.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1990. 352 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148 p.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2005. 128 p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997. 384 p.